

## Ysao Yamamura

---

*“Pode-se pensar que são muitas coisas novas e diferentes, mas isso é uma característica da Escola Paulista...”*

Nasci em 1942 na cidade de Apucarana, no Paraná. Naquele tempo minha cidade ainda não existia, era apenas um vilarejo, portanto, sou mais velho que a própria cidade. Sou o caçula de 7 irmãos e meus pais eram imigrantes, vieram do Japão. Eles trabalhavam na lavoura e o sonho, antes da II Guerra Mundial, era voltarem para o seu país de origem. A derrota do Japão na Guerra refletiu bastante no nosso lar, por exemplo, na educação, assim os meus irmãos e minhas irmãs mais velhos tiveram educação e aprenderam a língua japonesa, e os mais novos, a educação normal, brasileira. Assim, as irmãs mais velhas, aprenderam corte e costura, cozinhar, ou seja, para ser mulher e esposa; meus pais, conforme a tradição japonesa, achavam que para uma mulher isso já era suficiente, porém quando tiveram de permanecer no Brasil perceberam que os meninos deveriam ir para a universidade. Os três irmãos mais velhos do que eu fizeram faculdade: um fez agronomia, outro engenharia, e minha mãe dizia que eu fazia medicina... Sempre me perguntei o porquê dessa decisão dela, acredito que seja o fato de eu cuidar bem dos nossos cachorrinhos, dos animais lá do sítio.

Naquele tempo, há 50 anos, São Paulo era longe, eu vinha de trem (Maria Fumaça) e levava 24 horas para chegar do Norte do Paraná até aqui. A cidade de São Paulo era e ainda é a “Meca” da sabedoria. Em nossa escola lá no interior, havia um critério para saber quem viria estudar em São Paulo e quem ficaria em Curitiba ou Londrina: os mais capacitados viriam para São Paulo fazer colégio e universidade; os menos competentes iam para Curitiba e os mais menos para Londrina. Da minha turma vieram três para São Paulo, incluindo eu; os outros ficaram lá no Paraná mesmo. No início estranhei bastante essa cidade grande e esquisita, além de ter passado muita vergonha, pois a terra do Paraná era vermelha e quando chegava a São Paulo estava preto e vermelho pela fumaça do trem e pela cor vermelha da terra do Paraná, e no táxi, começava a gozação do taxista porque nosso dinheiro era vermelho, encardido com a terra vermelha do Paraná. A primeira vez que vi esses prédios grandes, enormes, todos cinza, falei “hei de vencer, vou vencer nessa cidade”, e foi com esse espírito que cheguei na pensão aqui no Bairro da Liberdade.

Comecei estudando no Colégio São Paulo de Piratininga, na Liberdade, em seguida prestei vestibular e passei aqui na Escola Paulista de Medicina, em 1962. Fui excedente dos excedentes, passei na última lista e acho que isso foi até bom, porque me livre do trote. Eu mesmo cortei, ou melhor, raspei meus cabelos.

Minha vida de estudante não foi fácil, primeiro, morei em pensionato, passei fome, porque a dona da pensão era muquirana, só nos servia arroz, feijão, sopa de osso, ralinha, ralinha e meu corpo sentia falta de proteínas, frutas, verduras... Quando percebi que não iria agüentar

mais fui morar em uma república. Lá nós éramos seis ou sete pessoas que estudavam e trabalhavam e nós mesmos cozinávamos.

Minha principal característica sempre foi a timidez, causada principalmente pelo modo como japoneses e italianos eram tratados no pós-guerra. Esses dois povos foram bem maltratados pela propaganda americana, muitos eram chamados de quinta coluna, olhos rasgados e motivos de piadas, e por causa disso me tornei muito isolado, com dificuldades para me entrosar, mesmo no colégio e aqui na Escola Paulista... Nunca joguei futebol; era quietinho para não chamar atenção. Entrar na Escola Paulista foi a minha salvação, logo me entusiasmei com a anatomia e acabei me tornando monitor dessa disciplina aparecendo aí o gosto para ensinar que até hoje conservo. Percebi então que era capaz de fazer alguma coisa útil e valorizada e isso me deu mais segurança. No terceiro ano o Professor Delascio nos deu oportunidade de fazer partos na Casa Maternal, ali na Celso Garcia e lembro-me que até andei contando quantos partos tinha feito. Houve muita afinidade com essa especialidade e, quando terminei a faculdade resolvi ser obstetra. Foi com essa intenção que entrei na Residência Médica aqui na Escola, porém nesse período tive contato com a Ortopedia. A Ortopedia é uma especialidade na qual você resolve rapidamente o problema do paciente; está quebrado? Conserta, opera... Não existem os problemas como do obstetra que tem, por exemplo, de ter que ficar ouvindo o foco a cada meia hora, cada quinze minutos, esperar... Aí mudei e optei por fazer Residência em Ortopedia, como era o único residente naquela época quando terminei passei a ser assistente do Prof. Marino Lazareschi, onde aprendi as minúcias de uma cirurgia e do exame clínico. Tenho que dizer também que eu gostava muito de propedêutica.

O que me levou para a Ortopedia também se revelou mais tarde a minha maior dificuldade lá. Era tudo muito prático e rápido, quebrou, conserta e acabou a história. Havia pouca clínica, eu queria saber mais e uma coisa me incomodava sobremaneira: o aparecimento de dores inexplicáveis. Ficava pensando se a explicação, por exemplo, para dores no pescoço e no braço, era que o sujeito dormira de mau jeito; se dores no joelho de crianças eram dores de crescimento... Eu achava impossível o indivíduo deitar bem e levantar com dor, afinal nós temos um mecanismo durante o sono que se a dor aparece, automaticamente, nosso corpo muda de posição...

Comecei a questionar... Não era possível que dois pacientes que eu operava de hérnia de disco lombar, nas mesmas condições do exame e um ficava bom e o outro continuava com as mesmas dores. O que eu queria saber é o que havia de errado com o meu tratamento. Observando bem, percebi que o problema, não era o tratamento, mas sim o paciente que era diferente, e mais, o que fazia um paciente ser diferente do outro eram a sua vida e as suas emoções. Comecei a buscar uma solução e foi nessa época que tive contato com a medicina chinesa e acupuntura. Minha falecida esposa tinha problemas de saúde e começou a se tratar com um coreano que era imigrante, e a explicação que ele dava para as diferentes doenças tinha lógica, muita lógica.

Fiquei três anos matutando, estudando e analisando os conhecimentos desse coreano. Isso aconteceu por volta dos anos 1980 e naquela época não tínhamos acesso à literatura médica chinesa, mas isso era tão importante que comecei a pedir aos meus amigos que iam para o exterior para trazerem livros de medicina chinesa e encontrei na Acupuntura as explicações

que a medicina ocidental não era capaz de dar. Era fascinante, a dor não era proveniente do mau jeito, às vezes só de olhar para o individuo já se percebia que ele estava sofrendo e a causa não era física, mas sim emocional. Não havia cursos de Acupuntura no Brasil e quem praticava essa especialidade eram não médicos, por isso fui adquirindo uma extensa biblioteca, e de maneira autodidata passei a estudar e praticar a Acupuntura. Esse jeito de fazer as coisas sozinho tem a ver com o meu jeito tímido de ser, como já disse, que me levou a ser um autodidata.

Após certo tempo comecei a dar aulas para os colegas, até que em 1992, quando o professor Laredo assumiu o Departamento de Ortopedia, o qual ele queria expandir, surgiu a oportunidade de conversarmos sobre Acupuntura. Imediatamente ele propôs que eu ministrasse um curso e logo após me pediu para montar um ambulatório de Acupuntura aqui na Escola. Foi um sucesso! Começamos atendendo um dia da semana, e passaram a ser dois, três e por fim, todos os dias da semana.

O Prof. Laredo chamou-me do jeito que todos conhecem e disse que queria que eu fizesse mestrado. Esse era um sonho, ou melhor, um desejo meu muito antigo, mas achei que nunca iria conseguir. Como havia sido oprimido a vida toda, não achava que seria possível alcançar aquele nível, porém em um ano preparei meu mestrado e consegui o título. O Prof Laredo, então, me propôs um novo desafio: era hora do doutorado, mais um ano e o doutorado estava concluído. Novamente veio o Prof Laredo: agora é hora da Livre Docência, e eu a fiz em 2002. Voltando o olhar ao passado, devo dizer que a Acupuntura que existe aqui na Escola Paulista deve muito... muito ao Prof.. Laredo. Foi ele, que na Congregação, propôs a criação do Setor de Acupuntura, uma coisa que os outros colegas nem sabiam o que era, e foi ele também que defendeu lá a idéia de que eu merecia essa oportunidade. Todos os membros aceitaram e a Acupuntura tornou-se um Setor que vem se desenvolvendo muito, principalmente no seu laboratório de pesquisa, uma coisa inédita no mundo ocidental, não existe isso nem na Europa ou na América Latina. Criamos o Pronto Atendimento de Acupuntura, também inédito no mundo ocidental. O laboratório de pesquisa foi a base no sentido de se fazer estudos para mostrar a validade da Acupuntura. Usávamos animais de experimentação, ratos e com esse material foram realizados mestrados e doutorados com ampla repercussão no Exterior. Foi aí que a Acupuntura passou a ser vista de uma outra maneira mais científica e essa visão foi passada para o Conselho Federal de Medicina que a reconheceu como Especialidade Médica.

Cada vez mais os alunos de graduação em Medicina se interessaram, formaram a Liga Acadêmica de Acupuntura um núcleo acadêmico de Acupuntura; depois surgiu a Disciplina Eletiva de Acupuntura e hoje, além de receber alunos aqui da Escola, recebemos alunos das Faculdades de Medicinas de fora para fazer o estágio no Setor como da Faculdade de Marília, de Brasília, de Botucatu, de Ribeirão Preto... Hoje existe Acupuntura em outras faculdades, em outros hospitais, e embora sejam setores muito menores que o da Escola, cada vez mais essa especialidade cresce e se desenvolve.

Meu sonho agora é subir mais um degrau aqui na Escola Paulista e tornar a Acupuntura uma Disciplina. Isso se faz necessário porque não podemos nos agregar a outras Disciplinas, uma vez que tratamos o individuo de antes do nascimento até a velhice. Por

questões políticas na Universidade está difícil, muito difícil subir mais esse degrau e o que já desenvolvemos até agora na Universidade acho que merece ser uma Disciplina.

Uma coisa muito interessante que está sendo feita aqui na UNIFESP é utilizar a Acupuntura na parte estética. Ela revelou-se um tratamento bem eficaz para se tratar rugas, manchas, gorduras localizadas e até para levantar mamas flácidas. Desenvolvemos também aqui várias técnicas inéditas de acupuntura que são usadas no Pronto Atendimento de Acupuntura. Outra área que desenvolvemos é a participação das emoções nas doenças e como tratá-las (Técnica de Mobilização de Qi Mental). Essas técnicas (Acupuntura e Mobilização de Qi Mental) foram criadas aqui e até podem ser chamadas de técnicas UNIFESP.

Trabalhando com as emoções temos visto coisas bem interessantes, por exemplo, malformações que aparecem em crianças... Descobrimos que quando aparecem são causadas por emoções que a mulher sente mesmo antes de saber que está grávida. Quando a mulher sabe que espera um bebê, ela toma mais cuidados, porém no período que vai da fecundação até ela saber que vai ser mãe, ela não toma nenhum cuidado. Nós temos visto com frequência que, em consequência das brigas e das situações que geram raiva, revolta, medo, vontade de morrer que acontecem antes do diagnóstico da gravidez e como os órgãos do feto estão se formando podem surgir malformações congênitas, por exemplo, do coração, da coluna vertebral, a asma e outros problemas. Estamos coletando dados e estudando esses tipos de casos e nossa intenção é fazer com que os médicos do futuro aprendam a evitar as doenças e não somente curar uma doença já estabelecida.

Nossos colegas médicos têm muita dificuldade em ver as coisas dessa maneira e esse tem sido, creio, o maior empecilho para que a Acupuntura se torne uma Disciplina.

Veja, essa teoria das emoções não é inédita, já existia na China há aproximadamente 4 mil anos, embora os fatores emocionais daquela época fossem bem diferentes dos de hoje. Na verdade, embora naquele tempo eles já dissessem que as emoções são fatores que podem causar doenças, hoje nós damos muito mais valor ao estado emocional passado e presente do paciente. Acredito que daqui mais 10 ou 20 anos a maioria dos médicos já tenha se dado conta de como é importante tratar o ser humano por inteiro. É fácil você perceber como se dá essa abordagem mais emocional da doença e a questão a Acupuntura. Nós inserimos a agulha no corpo do paciente, o estímulo vai para o sistema nervoso, dentro da área do sistema límbico que liberta neurotransmissores, que fazem efeito no corpo. É uma via de mão dupla: as agulhas ajudam e a mente ajuda também... A Acupuntura sozinha não resolve problemas emocionais, mas se houver o auxílio da mente a cura se dá, é preciso haver a interação.

Volto a insistir que as emoções, como a raiva, por exemplo, tem muito a ver com nossas dores. Você briga com alguém e quer bater nessa pessoa, não pode, começa a doer o braço. Fica com raiva e não desabafa, se resigna, aí vêm as doenças dos órgãos, coração, fígado... O sentido que a mente deu para essa emoção, a raiva, é que vai trazer a doença.

A criança que é rejeitada desde a vida intra-uterina reage de dois jeitos: ou se revolta contra a rejeição ou se submete. Daí surge a personalidade “boazinha” ou a “revoltada”... A que se

revolta sempre é revoltada, a vida toda vai ser revoltada, agora a que se submete sempre vai ser boazinha, são indivíduos que sempre pensam nos outros, nunca pensam em si,.

A Escola Paulista tem dado lugar para se fazer coisas novas e diferentes, que é uma característica da Escola Paulista, veja todos esses novos campi. O próprio histórico de fundação da Escola em 1933... Isso já é uma maneira nova de pensar. Na USP tudo é muito fechado, falar em Acupuntura lá era proibido, por isso usavam o termo agulhamento seco... Aqui na Paulista há abertura para homeopatia, para a fitoterapia, por isso posso dizer que a Escola Paulista tem o espírito aberto, as pessoas que a comandam tem uma maneira de pensar muito diferente das outras Faculdades.

Meu primeiro contato com a Acupuntura foi quando a minha mãe teve um problema de joelho quando eu era bem jovem e acadêmico de medicina e foi fazer acupuntura. Questionei, disse a ela que Acupuntura não era Medicina... No entanto ela ficou boa e provavelmente guardei esse episódio na memória. Não posso dizer que a Acupuntura foi um reencontro com minhas raízes, já que, como disse, na minha infância tive muitos problemas por ser japonês e pelo fato de o Japão ter perdido a Guerra, não podíamos nem fazer reuniões; meus pais não falavam sobre o Japão... Porém acredito que todos tenhamos uma herança ancestral, e talvez por causa dessa herança eu tenha me tornado mais intuitivo e menos mecanicista. Talvez essa crença venha do fato de meus pais terem sido budistas e sendo japoneses não podiam se reunir... Criado sem religião até os 16 anos eu era ateu e isso também era motivo de vergonha para mim, pois na escola haviam as aulas de catecismo, então quem era católico ia para a igreja ter aulas e quem não era... Eu era crente e eu não queria ser crente! Então aos 16 anos fui batizado na Igreja Católica... Hoje sou católico, mas não professo, porém acredito em Deus, que está dentro de cada um de nós e cada um pode acreditar no Deus que quiser; no Deus de Jesus Cristo, no de Maomé, no de Buda... O ideal é que nós atinjamos a iluminação para que consigamos ficar em paz conosco mesmos, com nosso semelhante e com a humanidade.

Voltando à Escola Paulista, acho que ela sempre foi... a nossa escola.... pequena... nossa casa... Sempre vestimos a camisa da Escola, cantávamos o grito de guerra (o Nicodemus), porém creio que deva haver expansão e esse é um bom momento para isso, mas não se pode esquecer desse campus.

Vejo um futuro bem favorável para nós... Não apenas “fazendo agulha”... Acho que esse tempo passou; agora precisamos passar a incorporar e ensinar os preceitos mais importantes da Medicina Chinesa, que é uma Medicina que tem 4.000 anos... Se pensarmos bem, dentre as medicinas antigas é a única que sobreviveu, outras medicinas, por exemplo, a egípcia, a greco-romana desapareceram, talvez não tivessem um substrato tão firme para perdurar. Ademais as pessoas estão ficando cansadas de tanta tecnologia, tanta mecanização, o efeito colateral dos remédios... Hoje se procura uma coisa menos agressiva e a Medicina Chinesa é a única que vem atender a esses anseios. Fico admirado ao ver que hoje em dia alguns médicos nem colocam a mão no paciente para examiná-lo; são só exames, exames e exames, e isso faz com que as coisas se tornem impessoais... Pergunto-me se a educação médica, atualmente, está sendo adequada. Não sei não...

Tenho duas filhas: a Dra. Márcia, que se formou aqui na Escola Paulista e é médica pediatra e me ajuda nos meus cursos de acupuntura, ano passado ela teve um bebê, um netinho, o Yohan... E minha outra filha que é odontóloga; fez a UNIP... Sabe, creio que quando minhas filhas eram pequenas não dei à elas a atenção necessária, talvez por imaturidade, medo, excesso de trabalho, de plantões. Só é que se sente isso. A vindo do neto, é uma segunda chance... Minha esposa faleceu com câncer de boca, foi um sofrimento de dezessete anos e a vida sofrida dela me influenciou bastante no sentido de procurar descobrir algo que possa tratar o ser humano antes da doença aparecer. É horrível para um médico ter um doente na família e não poder ajudar; a impotência leva a um estado depressivo, e isso foi tão complicado comigo que me levou a ter problemas sérios no rim. Tive que fazer um transplante renal, tive pressão alta... Tudo isso originado pelo meu estado emocional... Por isso hoje faço tanta questão de estar mais próximo da minha família, do meu netinho.

Além da minha família, a coisa mais importante da minha vida é a Escola Paulista. Ela é minha maior realização pessoal e principalmente profissional. Creio que se não tivesse encontrado toda a abertura que encontrei aqui, hoje seria um ortopedista insatisfeito, brigando com os doentes... Quem sabe poderia ser um acupunturista escondido, sem poder ensinar e eu adoro ensinar. A Paulista me deu todas as oportunidades que precisei e tenho certeza que ainda vai realizar o desejo que tenho de ver a Acupuntura se transformar numa Disciplina. A Escola também me permite divulgar nosso trabalho em outros países, por exemplo, no ano passado ganhamos o primeiro lugar com um trabalho desenvolvido aqui. Também tenho implantado vários serviços de Acupuntura em outras faculdades de medicina e temos com esses grupos intercâmbio intenso, como por exemplo com Maceio, Fortaleza, Salvador, Mogi das Cruzes, São José do Rio Preto, Bragança Paulista e outras. Sinto que estou colaborando para que a UNIFESP seja cada vez mais reconhecida e, além disso, está sendo gratificante ver o nosso trabalho servir de base para ajudar tantas pessoas.